

# CADMO

---

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

31



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
2022



**CADMO**

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**31**

**Editor Principal | Editor-in-chief**  
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2022



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

**Editor Principal | Editor-in-chief**

Nuno Simões Rodrigues

**Editores Adjuntos | Co-editors**

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

**Assistentes de Edição | Editorial Assistants**

Bruno Marques dos Santos, Catarina Madeira, Maria de Fátima Rosa, Matilde Frias Costa

**Revisão Editorial | Copy-Editing**

Bruno Marques dos Santos, Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

**Investigadores CH-ULisboa | Researchers CH-ULisbon**

Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

**Redacção | Redactional Committee**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

**Comissão Científica | Editorial and Scientific Board**

Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

**Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue**

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Diego Paiaro (Universidad de Buenos Aires), Inês Torres (CHAM - Centro de Humanidades), Irene Borges Duarte (Universidade de Évora), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Katia Maria Paim Pozzer (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Leonor Santa Bárbara (Universidade Nova de Lisboa), Sobhi Ashour (Helwan University), Thais Rocha da Silva (University of Oxford).

**Editora | Publisher**

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2022

**Concepção Gráfica | Graphic Design**

Bruno Fernandes

**Periodicidade:** Anual

**ISSN:** 0871-9527

**eISSN:** 2183-7937

**Depósito Legal:** 54539/92

**Tiragem:** 150 exemplares

**P.V.P.:** €15.00

**Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History**

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon

Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL

Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63

cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

# SUMÁRIO

## TABLE OF CONTENTS

### 09 AUTORES CONVIDADOS

*GUEST ESSAYS*

- 11 SAMOTRACIA Y LA FÓRMULA/INSCRIPCIÓN DE ARJANES  
*SAMOTHRACE AND THE ARCHANES FORMULA/INSCRIPTION*  
Marta López Aleixandre

- 31 HELENA:  
Uma mulher Troiana na Azulejaria Portuguesa  
*HELEN:*  
*A Trojan woman on Portuguese Tiles*  
Rosário Salema de Carvalho

### 57 ESTUDOS

*ARTICLES*

- 59 A LOGÍSTICA MILITAR EGÍPCIA NO CAMINHO PARA A BATALHA DE KADECH:  
Uma análise iconográfica dos processos logísticos durante o reinado  
de Ramsés II (c. 1290-1224 a. C.)  
*EGYPTIAN MILITARY LOGISTICS ON THE ROAD TO THE BATTLE OF KADESH:*  
*An iconographic analysis of logistical processes during the reign*  
*of Ramesses II (c. 1290-1224 BC)*  
Eduardo Ferreira
- 83 OPOSIÇÃO OU COMPLEMENTARIDADE?  
A relação mágico-medicinal entre o *āšipū* e o *asū* (século VII a.C.)  
*OPPOSITION OR COMPLEMENTARITY?*  
*The magical-medical relationship between the *āšipū* and the *asū**  
*(7th century BCE)*  
Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida
- 103 AN UNPUBLISHED FUNERARY MASK IN THE EGYPTIAN MUSEUM (TR 18.8.19.4)  
Abdelrahman Ali ABDELRAHMAN & Ahmed Derbala

- 119 UNIDADE NA GRÉCIA ANTIGA E ANACRONISMO NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA:  
Breve comentário à *techne* dos séculos V e IV a.C.  
*UNITY IN ANCIENT GREECE AND ANACHRONISM IN AESTHETIC EXPERIENCE:  
A brief discussion over the subject of techne in the fifth and fourth centuries BC.*  
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 141 O ESTRATEGO NA OBRA DE TUCÍDIDES:  
Um estudo introdutório (431 a.C. - 404 a.C.)  
*THE STRATEGOS IN THE WORKS OF THUCYDIDES:  
An introductory essay (431 B.C. - 404 B.C.)*  
Tiago Maria Líbano Monteiro Rocha e Melo
- 161 AS RELAÇÕES DE HOWARD CARTER COM O GOVERNO EGÍPCIO  
(1924-1925):  
Entre manifestações de imperialismo, espírito nacionalista e interesse  
científico-arqueológico  
*HOWARD CARTER'S RELATIONS WITH THE EGYPTIAN GOVERNMENT (1924-1925):  
Between manifestations of imperialism, nationalist spirit and  
scientific-archaeological interest*  
José das Candeias Sales & Susana Mota

## **197 RECENSÕES**

*REVIEWS*

## **245 IN MEMORIAM**

## **261 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO**

*JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES*



**ESTUDOS  
ARTICLES**

# A LOGÍSTICA MILITAR EGÍPCIA NO CAMINHO PARA A BATALHA DE KADECH:

Uma análise iconográfica dos processos logísticos durante o reinado de Ramsés II (c. 1290-1224 a. C.)

## EGYPTIAN MILITARY LOGISTICS ON THE ROAD TO THE BATTLE OF KADESH: *An iconographic analysis of logistical processes during the reign of Ramesses II (c. 1290-1224 BC)*

Eduardo Ferreira

Centro de História da Universidade de Lisboa

eferreira@autonoma.pt |  <https://orcid.org/0000-0002-3340-0460>

proposta: 01/08/2022 | aceitação: 06/09/2022  
submission acceptance

**Resumo:** A logística militar é, a par da tática, da organização, e da estratégia, um dos aspectos mais importantes para o sucesso de uma campanha militar efetuada por um exército simétrico, pois esta permite manter os efetivos em condições para combater. De uma forma geral, a logística militar engloba os processos de preparação da campanha, o momento em que o exército está em movimento, a sua alimentação, os acampamentos, entre outros aspectos.

O Império Novo foi caracterizado por um período de expansionismo assente, em grande medida, nas campanhas militares. Contudo, para o sucesso destes eventos terá sido necessário o desenvolvimento de um bom aparelho logístico. Tendo como base a campanha de Ramsés II que culminou na batalha de Kadech, pretende-se, com este artigo, fornecer uma imagem o mais completa possível dos processos logísticos elaborados pela administração militar durante a XIX Dinastia.

**Palavras-chave:** Logística; Egípto; Guerra; Kadech; Ramsés II.

**Abstract:** Along with tactics, organization, and strategy, military logistics is one of the most important elements that contribute to the successful outcome of a military campaign carried out by a symmetrical army, since it allows a military contingent to be able to fight. Generally speaking, military logistics encompasses campaign preparation processes, the movements of an army, food, campsites, and other aspects. The New Kingdom is characterized by a period of expansionism based largely on military campaigns. The success of these events was subordinated to the development of a good logistical apparatus. Based on Ramesses II's campaign that culminated on the battle of Kadesh, this article aims to provide a comprehensive analysis of the logistical processes carried out by the military administration of the XIX Dynasty.

**Key-words:** Logistics; Egypt; War; Kadesh; Ramesses II.

## Introdução

Apesar de a guerra ser uma constante ao longo dos vários períodos do Antigo Egíto, foi durante o Império Novo<sup>1</sup> (c. 1560-1070 a. C.<sup>2</sup>), o período de maior fulgor militar das Duas Terras,<sup>3</sup> que esta atividade adquiriu maiores proporções.<sup>4</sup> A existência de um contexto de maiores e mais frequentes conflitos armados ter-se-á, naturalmente, refletido no peso da guerra na própria sociedade. Conforme o número de efectivos aumentava, a quantidade de recursos necessários para manter os soldados também dilatava, levando à necessidade de um maior esforço por parte das instituições egípcias. Custo este que deveria, tendo em conta a relevância da actividade militar para este período, aglutinar parte da produção económica da sociedade egípcia.<sup>5</sup> Para além da interdependência económica, verificamos também que, em termos sociais, a guerra passou a representar um maior peso no Egíto durante o Império Novo. Segundo Javier Martínez Babón, numa inscrição datável do reinado de Amenemhat III (c. 1842-1797 a. C.),<sup>6</sup> um príncipe real de afiliação desconhecida afirma que o processo de recrutamento consistia no alistamento de um jovem em cada 100 habitantes para formar uma unidade militar. Segundo o autor, a inscrição não fornece mais informações. Contudo, podemos considerar que este coeficiente de recrutamento seria, pelo menos, um dos possíveis modelos de recrutamento durante o Império Médio (c. 2040-1780 a. C.).<sup>7</sup> Comparativamente, segundo Arther Ferrill, durante o Império Novo, a média de recrutamento das milícias (soldados não profissionais) terá sido ampliada para uma relação de 100 recrutas para 1000 moradores, um aumento evidente

- 
- 1 A presença de um sistema logístico no Egíto encontra-se já em desenvolvimento desde o Império Antigo, onde observamos a presença de postos avançados que permitiriam campanhas de maior fulgor e distância. Veja-se o caso das campanhas feitas na Núbia, onde Elefantina possuía um papel essencial como base de apoio ao exército, ou os chamados «Caminhos de Ballas» que serviriam para facilitar a movimentação de forças militares, grupos civis, e linhas de abastecimento. Tudo indica que também existiriam nas zonas orientais do Delta nilótico centros de armazenamento e envio de abastecimentos militares; cf. Moreno García 2010, 5-6.
  - 2 Todas as datações relativas a períodos históricos do Antigo Egíto foram retiradas da obra de Luís Manuel de Araújo (dir.) intitulada *Dicionário do Antigo Egíto*; cf. Araújo 2001, 15.
  - 3 Martínez Babón 2003, 144; Tarancón Huarte 2015, 17.
  - 4 Spalinger 2005, 1.
  - 5 A título de exemplo, com base no «Decreto de Horemheb» sabemos que os abastecimentos dados aos soldados de reserva (profissionais) eram oriundos dos celeiros reais; cf. Muhs 2016, 118. Para o texto completo do decreto em questão, veja-se Kruchten 1981, 162-77, e Hamblin 2006, 324.
  - 6 Seguro 2001, 55.
  - 7 Araújo 2001, 15; Martínez Babón 2003, 110; Fields 2007, 11.

que terá tido um forte impacto na sociedade egípcia.<sup>8</sup> Até ao Império Novo, o Egipto nunca possuiu um exército realmente profissional, embora desde final do Primeiro Período Intermediário (c. 2180-2040 a. C.) que as forças egípcias eram compostas por um pequeno núcleo de militares com características profissionais,<sup>9</sup> que deveriam estar sempre preparadas a pegar nas armas. Esta profissionalização seria depois continuada durante o Império Médio e expandida durante o Império Novo<sup>10</sup> com a construção das colónias militares<sup>11</sup> que formariam os efectivos profissionais.<sup>12</sup> Contudo, o grosso do exército egípcio seria formado por camponeses, artesãos, mineiros, entre outras profissões. Estes seriam recrutados entre os vários aglomerados populacionais, voltando depois para as suas terras para exercerem as suas ocupações profissionais não-militares.<sup>13</sup>

Importa salvaguardar que são parcas as fontes escritas e iconográficas egípcias que retratam os diversos processos logísticos inerentes à organização de uma campanha. Contudo, apesar da sua escassez, procuraremos destacar aqui estas mesmas fontes, dando especial preponderância aos textos e iconografias do Império Novo, nomeadamente aos relativos à batalha de Meguido e de Kadech.<sup>14</sup> De resto, parte da análise do artigo centrar-se-á num iconograficamente rico mural relativo à batalha de Kadech presente no primeiro pilone do Ramesseum, o templo funerário de Ramsés II junto à cidade de Tebas, atual Lucsor (Figura 1).<sup>15</sup> Está

8 Ferreira et Varandas 2017, 164; Ferrill 1997, 53.

9 Ferreira 2016, 238-9.

10 Martínez Babón 2003, 144. Veja-se o seguinte excerto: « . . . My lord, the King of Upper and Lower Egypt Nebmaatre repeated favours for me. He combined for me everyone who were assembled, placing (them) under my supervision as royal scribe at the head of the recruits. I raised the troops of my lord. My pen counted a quantity of millions. I caused their families(?) to grow in the place and (caused) the staff-of-old-age to be the *sameref* [lit. the son whom he loves] and I taxed the estates with a census thereof. I separated the companies (from) their estates and I filled (them with) serfs from people who are captives whom His Majesty defeated upon battlefield. I assigned all their battalions and I raised those who had fallen . . . »; cf. Simmance 2014, 90. A «Autobiografia de Ahmés, filho de Eban» parece confirmar esta mesma continuidade; cf. Lichtheim 2006, 12-15.

11 Sabemos que terá sido durante a XII dinastia que surgiram as primeiras colónias militares no Egipto. Cf. Ferreira et Varandas 2017, 160; Spalinger 2010, 434.

12 Fields 2007, 10.

13 Shaw 1991, 26.

14 Tarancón Huarte 2015, 16.

15 Leblanc, Ma'arouf, et El-Ghandour 2011-2012, 21; Araújo 2006, 55-57. Os vestígios arqueológicos do Ramesseum, templo construído durante o reinado de Ramsés II, estendem-se por cerca de dez hectares na margem ocidental do rio Nilo junto a Lucsor. Desde 1991 que uma equipa franco-egípcia realiza trabalhos arqueológicos no local. Importa destacar que, para além da evidente dimensão religiosa, o templo era também um importante centro administrativo e económico. As referências à batalha de Kadech não se limitam aos murais do primeiro e segundo pilones, no relatório das escavações feitas entre Outubro de 2015 e Janeiro de 2016, foi descoberto um fragmento que segundo o autor representa dois hititas ligados ao contexto da batalha de Kadech; cf. Leblanc 2005, 79-80; Id; Elleithy 2015-2016, 16.

representado nesta fonte iconográfica o acampamento militar do rei Ramsés II que precedeu a batalha de Kadech, que terá acontecido c. 1285 a. C.<sup>16</sup>

Este artigo, como o título indica, pretende desenvolver um estudo relativo aos processos logísticos durante o reinado de Ramsés II (c. 1290-1224 a. C.), especialmente focado na preparação e decorrer da campanha que acabaria por culminar na batalha de Kadech. Assim, o estudo será dividido em três partes que representam as fases da própria campanha: a preparação do empreendimento militar, o caminho do exército para o combate e, por fim, o acampamento militar, essencial para o descanso dos militares e animais, bem como para a reparação de elementos fundamentais para o sucesso da campanha.

## Os preparativos para a campanha

Os preparativos logísticos de uma determinada campanha começam no momento em que a anterior termina com o retorno do exército ao Egípto.<sup>17</sup> Este processo encerra várias dimensões da sociedade, nomeadamente a produção e distribuição de armamento e de alimento, mas também, o recrutamento de novos soldados<sup>18</sup> que duraria aproximadamente dois anos.<sup>19</sup> Relativamente à organização

16 Araújo 2006, 69-73; Spalinger 2005, 215-6; 2009, 165. Este conflito é mencionado em várias fontes, tanto em representações iconográficas como em textos que remetem para o evento. Importa destacar o «Poema de Pentaweret» e o «Texto do Boletim»; cf. Goedicke 1996, 71. Ambos os textos egípcios que relatam a batalha confirmam uma padronização literária («narrativa-padrão»), ou seja, encontra-se noutras fontes escritas a mesma estrutura; cf. Spalinger 2003, 222-3; Carreira 2006, 195. Esta batalha é ainda referida em outros textos paralelos, nomeadamente no tratado de paz entre o Egípto e o Hatti, mas também em textos de origem hitita; cf. Carreira 2006, 209-26; Spalinger 2003, 222-4. Para mais informações sobre os acontecimentos que compuseram a batalha de Kadech, veja-se Spalinger 2005, 209-34. A batalha de Kadech encontra-se representada noutros locais, nomeadamente em Karnak, Templo de Lucsor, Ramesseum, Abido, e Abu Simbel; cf. Spalinger 2003, 224; Carreira 2006, 184.

17 Healy 1992, 48; Heagren 2010, 159.

18 Tarancón Huarte 2013, 43. Porter et Moss 1972, 518. O túmulo de Userhat (TT 56), um oficial de Amenhotep II, encerra representações de recepção e preparação de recrutas, bem como a distribuição e organização das rações diárias dos efectivos; cf. Hartwig 2004, 271-2. Segundo Ian Shaw, a mesma tipologia de representações surge no túmulo de Tjanuny (TT 74), um escriba do exército de Tutmés IV; cf. Shaw 1991, 29. No que diz respeito a referências sobre a produção ou distribuição de armamento em textos egípcios. Podemos destacar uma passagem da campanha de Ramsés III contra os Povos do Mar presente em Medinet Habu que refere o seguinte: «... Thus the official directive from the Pharaoh: "All crack (troops) and recruits, every brave who has come to His Majesty's attention, let them pass in review before Pharaoh to receive weapons."» cf. Redford 2018, 21. No «Poema de Pentaweret» é referido o seguinte: «... Ora, Sua Majestade abastecera a infantaria e os carros de combate (e os) guerreiros de Sherden que havia capturado e trazido com ele pelo triunfo do seu forte braço; eles tinham sido equipados com toda a espécie de armas e fora-lhes distribuído o plano da campanha...» cf. Carreira 2006, 210. Já nos «Anais de Tutmés III»: «... Resting in the royal camp. Giving provisions to the officers, rations to the attendants. . .»; cf. Lichtheim 2006, 32. O «Poema de Pentaweret» encontra-se dividido globalmente em quatro partes: «Prólogo», «Relato do escriba», «Relato de Ramsés», e «Notas Finais». O investigador Paulo Carreira apresenta ainda a divisão temática da fonte (Carreira 2006, 185).

19 Fields 2007, 11.

do recrutamento conhecemos vários cargos que apresentam funções neste âmbito. Para o Império Médio, podemos destacar o oficial «superintendente dos recrutas»,<sup>20</sup> já para o Império Novo podemos destacar o «escriba real dos recrutas»<sup>21</sup> e o «escriba dos recrutas».<sup>22</sup> Embora não exista uma descrição das funções concretas destes funcionários, tendo em conta a sua terminologia, podemos sugerir que ambos os cargos tinham funções administrativas e burocráticas que estariam relacionadas com o próprio processo de recrutamento que, de povoação em povoação, alistava jovens para o exército.<sup>23</sup>

Em primeiro lugar, a organização logística da campanha deve ter em consideração o objectivo da empreitada militar, pois importa saber a capacidade do inimigo, bem como o intervalo de tempo que a campanha iria durar.<sup>24</sup> A partir deste momento, seriam delimitados os efectivos, o armamento, e os abastecimentos necessários para o desejado sucesso. No que diz respeito ao armamento, a sua produção e contagem, numa situação ideal, deveria considerar que cada militar possuísse o armamento defensivo e ofensivo necessário de substituição, nomeadamente os escudos, as setas, os arcos e as armas de luta corpo a corpo. Veja-se o caso dos carros de guerra que, ao que tudo indica, eram acompanhados de vários sobresselentes como rodas, jugos, e outros materiais essenciais para a manutenção do veículo.<sup>25</sup> Podemos imaginar a dimensão administrativa e organizacional imprescindível para conceber, pelo menos em parte, estas necessidades. Veja-se, a título de exemplo, que para uma força de carros de guerra composta por 200 veículos,<sup>26</sup> seriam necessárias 400 rodas sobresselentes, isto admitindo uma conjuntura logística militar ideal, algo que seria pouco provável.<sup>27</sup>

---

20 Este cargo é mencionado por Nic Fields no seu livro *Soldier of the Pharaoh. Middle Kingdom Egypt 2055-1650 BC*, porém, este não refere a fonte desta informação; cf. Fields 2007, 11.

21 Cargo presente numa epígrafe da estátua de Amenhotep, filho de Hapu; cf. Simmance 2014, 90.

22 Porter et Moss 1972, 269.

23 Ferreira et Varandas 2017, 155-69.

24 Tarancón Huarte 2013, 40

25 Ferreira 2019, 332-3. O mural do Ramesseum que representa o acampamento de Ramsés II junto a Kadech demonstra esta mesma realidade (Figura 1).

26 Não existem dados concretos e, sobretudo, evidências que pudemos considerar imparciais que possam demonstrar quantos carros de guerra existiam no exército de Ramsés II; cf. Ferreira 2019, 236-7. Embora estas sejam quantificações plausíveis, especialmente tendo em conta o número de soldados considerados para o exército do rei egípcio, os números aqui apresentados são, inevitavelmente, um exemplo ilustrativo.

27 Ferreira 2019, 337-8; Hamblin 2006, 201-3.

Relativamente aos abastecimentos, segundo Anthony Spalinger para cada soldado egípcio seriam necessários cerca de 6,6 quilogramas de cereais e 1,9 litros de água potável.<sup>28</sup> Articulando os dados apresentados pelo autor anteriormente mencionado com o número de soldados presentes no exército egípcio em Kadech (cerca de 20000 a 25000 efetivos)<sup>29</sup>, podemos assumir que seriam necessários um total de 132000 quilogramas de cerealíferos e 38000 litros de água para abastecer as quatro divisões do exército de Ramsés II. Naturalmente, este é o panorama ideal daquilo que deveria acontecer numa expedição militar, algo que seria altamente improvável. Realidade esta confirmada por uma passagem do *Papiro Anastasi I*, onde é sugerido que as rações ao dispor dos soldados eram débeis e a água escassa, pois a fonte refere que apenas no terceiro dia de campanha esta ficou acessível.<sup>30</sup> Contudo, apesar de inevitáveis, estas dificuldades seriam uma constante preocupação para o monarca e para os seus oficiais. Tutmés III denota, em duas ocasiões, preocupação para com a necessidade de garantir o pagamento e abastecimento dos soldados de uma expedição na Núbia.<sup>31</sup> Segundo Donald Redford, em territórios asiáticos, o rei demonstra uma preocupação em garantir que os seus soldados tinham rações para o período de travessia do deserto, que iria durar cerca de uma semana. Depois de ultrapassado este obstáculo geográfico, o exército iria

---

28 Spalinger 2005, 35. Este recurso podia ser encontrado em oásis, rios, e poços, para além das provisões trazidas pelo exército na sua carriagem; cf. Heagren 2010, 185-6. Sobre a água potável, devemos ter em conta que a sua existência seria muito reduzida, pois fontes de água doce frequentemente não apresentavam as condições de salubridade necessárias para o consumo. Tendo em conta este factor, podemos considerar outras possibilidades, desde logo a cerveja, bebida que, de resto, era frequentemente utilizada em substituição da água pelos Egípcios.

29 Spalinger 2005, 215; Grandet 2004, 51; Araújo 2006, 62. Esta quantificação não está isenta de problemas, concluir que o exército de Ramsés II tinha cerca de 20000 homens estará relacionado com a própria organização das forças egípcias. Tendo em conta que o exército era composto por quatro divisões de 5000 efetivos, é natural assumir que, na totalidade, Ramsés II teria à sua disposição 20000 soldados. Contudo, estes números podem representar um exagero que, de resto, é frequente em narrativas de propaganda como é o caso da batalha de Kadech; cf. Spalinger 2003, 222. Veja-se o caso do relato da batalha de Meguido nos «Anais de Tutmés II»; cf. Lichtheim 2006, 29-35.

30 Gardiner 1911, 6-30; Malamat 2001, 353-5. O investigador Abraham Malamat realça que o autor do *Papiro Anastasi I* demonstra um profundo conhecimento do contexto militar egípcio do período de Ramsés II. Aspecto este que atribui relevância e força ao seu relato dos problemas que os soldados egípcios passavam em campanha; cf. Malamat 2001, 355-6. Para o consumo da água, os fortes que o Egito controlava em algumas regiões eram essenciais, nomeadamente o caso das fortalezas do «Caminho de Hórus», em que cada uma das sete tinha poços; cf. Morkot 2010, 86-87. Ambos os elementos são essenciais para a sobrevivência de cada um dos efetivos, mas devemos evidenciar que a água seria especialmente importante, pois, em média, um humano apenas consegue sobreviver sem água até quatro dias; cf. Heagren 2010, 185-6. Sobre a falta de água, veja-se o seguinte excerto hitita do reinado de Hattusili III: « . . . And when the water supply was gone, . . . and my troops were few. So I did not go after. . . »; cf. Hoffner 2009, 304; Fales et Rigo 2014, 424. Tendo em conta as características da região em que o exército egípcio fazia campanhas militares, zonas áridas e com uma elevada falta de recursos aquíferos, o problema do acesso a este recurso vital seria especialmente relevante; cf. Ferreira 2019, 342-3.

31 Selim 2005, 352.

obter os abastecimentos nos territórios por onde passavam, especialmente com o auxílio de cidades ou fortificações aliadas.<sup>32</sup>

No que concerne os produtos alimentares,<sup>33</sup> sabemos que a base da dieta era composta, maioritariamente, por cereais e frutas, especialmente a cevada e as tâmaras.<sup>34</sup> Segundo Brett Heagren, o peixe seria também um elemento bastante comum na alimentação dos militares egípcios, sendo uma importante fonte de proteína, tal como os insectos.<sup>35</sup> Datável do sexto ano do reinado de Seti I, tomamos conhecimento das rações diárias de cada um dos militares do seu exército (cerca de 1000 efetivos). O pacote seria composto por vinte *deben* pão duas vezes por dia,<sup>36</sup> duas «embalagens» vegetais, dois sacos de cereais por mês, e carne assada.<sup>37</sup>

No que diz respeito à alimentação dos cavalos, segundo Anthony Spalinger, para as forças egípcias garantirem a sobrevivência dos equídeos, teriam de levar na carriagem<sup>38</sup>, ou adquirir por outros meios, cerca de 22 quilogramas de forragem e 30 litros de água por cavalo.<sup>39</sup> Fora estes dados fornecidos pelo autor supracitado, não conhecemos mais evidências de origem egípcia que possam ser utilizadas para esta problemática em concreto. Contudo, a partir de outros contextos, podemos apresentar algumas informações importantes, embora seja relevante salvaguardar que um exercício comparativo entre dois contextos históricos diferentes (tanto temporais como espaciais) apresenta, inevitavelmente, carências que tornam o questionamento da comparação constante. Porém, parece-nos relevante apresentar as informações paralelas, pois apesar de não partilharem o contexto histórico, referem-se ao mesmo animal, o cavalo. Segundo Stuart Piggott, e tendo como base o «Texto de Kikkuli», um cavalo deveria ingerir três tipos de cereais: o trigo, a cevada, e a sêmola. Em Israel, durante o século X a. C., os cavalos

---

32 Redford 2003, 200-1; Ferreira 2019, 346.

33 Sendo provável que o local de origem dos soldados representasse alguma alteração nos produtos fornecidos ao exército; cf. Heagren 2010, 162.

34 Este fruto é rico em carbonatos e proteínas; cf. Heagren 2010, 164.

35 Maioritariamente transportado por via fluvial e marítima; cf. Heagren 2010, 166-7.

36 20 *deben* de pão deverá equivaler a 1,82 quilogramas; cf. Heagren 2010, 170.

37 Davies 1997, 203. O conjunto de rações diárias teriam um peso de 2,24 quilogramas; cf. Heagren 2010, 168-72. Brett Heagren sugere outros números que, segundo a autora, estariam mais adaptados à realidade e conjuntura de uma campanha militar. Portanto, cada militar egípcio teria 10 *deben* de pão, meio pedaço de carne e uma «embalagem» de vegetais; cf. Heagren 2010, 173.

38 Na carriagem estariam os elementos logísticos necessários para a sobrevivência dos soldados, nomeadamente os abastecimentos, o armamento, o «tesouro», entre outros materiais.

39 Spalinger 2005, 35.

eram alimentados maioritariamente com palha e cevada. Na *Odisseia*, Telémaco, após libertar os cavalos dos carros, dá-lhes milho-miúdo e forragem.<sup>40</sup> Stuart Piggott estimou que, para sustentar uma parelha de cavalos, com a finalidade de ser utilizado na guerra, eram precisos cerca de oito a dez acres (um acre corresponde a 4046,85642 m<sup>2</sup>) de terra com cereais. Em jeito de comparação, o rei de Ugarit, Ammurapi, que as fontes dizem que teria cerca de 2000 cavalos, teria de dispor de cerca de 10000 acres de terra de cereal.<sup>41</sup> Assim, é possível verificar o esforço alimentar e monetário que seria necessário fazer para manter um elevado número de cavalos.<sup>42</sup>

### **A coluna de marcha e o caminho para a batalha de Kadech**

Sabemos que o exército de Ramsés II, na campanha que irá culminar em Kadech, era composto por quatro divisões, denominadas a partir de quatro divindades do panteão egípcio: Amon, Ré, Ptah e Set.<sup>43</sup> Com um total de aproximadamente 20000 homens, a coluna de marcha deveria estender-se por vários quilómetros com alguma distância entre as divisões, onde seriam aplicados esquadrões de carros de guerra visando proteger as unidades de combate apeadas.<sup>44</sup> O uso desta arma compósita, neste contexto, deve-se à fragilidade do exército enquanto este está em deslocação, pois encontra-se mais sujeito a emboscadas. Esta realidade obriga à existência de uma eficaz rede informativa composta por carros de guerra e militares a cavalo que pautassem o terreno em torno da longa coluna de marcha e, caso houvesse a aproximação de inimigos, alertassem o comando.<sup>45</sup>

---

40 Piggott 1992, 46.

41 Drews 1993, 111-2.

42 Ferreira 2019, 351.

43 Sendo esta última criada por Ramsés II e sediada em Per-Ramsés, já as restantes três advêm do reinado do seu pai Seti I. Cf. Araújo 2006, 65; Carreira 2006, 186; Goedicke 1996, 71.

44 Araújo 2006, 65-66; Ferreira 2019, 126.

45 Spalinger 2013, 252-3. Importa mencionar que esta missão seria especialmente importante depois das divisões entrarem em território hostil.

É bastante provável que o itinerário estivesse já previamente delineado<sup>46</sup> e teria, em território amigável, pontos de abastecimento e de descanso.<sup>47</sup> Realidade que, naturalmente, era alterada aquando da entrada das forças militares em território inimigo. Nestes contextos hostis os soldados teriam de recorrer a outros recursos, desde logo aos mantimentos que, tanto o exército em geral como os militares individualmente, traziam consigo. Admitindo, claro, que os abastecimentos trazidos do local de partida ainda não tinham sido consumidos. Outra forma de adquirir abastecimentos para os efetivos seria o pilhar de povoações em território inimigo para conseguir alimentos, forragens, e outros materiais para o exército. Devemos salvaguardar que esta tipologia, muitas vezes chamada «viver do que a terra dá», muito presente em outros contextos historiográficos como no caso da Idade Média europeia,<sup>48</sup> está muito pouco referenciado para este contexto histórico. Porém, podemos identificar duas passagens onde é referido este processo. A primeira data do reinado de Tutmés III e remete para o pós-batalha de Meguido e da colheita dos bens alimentares da cidade,<sup>49</sup> e a segunda evidência enquadra-se no reinado de Ramsés III e na sua campanha contra os Povos do Mar.<sup>50</sup> Ambos os casos parecem remeter para o processo de «viver do que a terra dá». Porém, é evidente que o primeiro exemplo nos parece mencionar mais diretamente o contexto do que o segundo caso. Contudo, o texto ao referir que Amon tornava a terra numa «ração» parece estar a sugerir que esta mesma terra inimiga seria a fonte de abastecimento do exército de Ramsés III, logo um possível exemplo desta forma de adquirir vitualhas.<sup>51</sup> Fora do contexto do Império Novo, podemos encontrar

46 Tudo indica que Ramsés II e o seu exército terão saído da capital e viajado até Gaza, local onde o exército terá sido dividido em dois contingentes. O maior seguiu o caminho por Canaã e o segundo conjunto de militares terá seguido pela costa até Tiro; cf. Healy 1992, 48.

47 A descrição da batalha de Meguido, travada no reinado de Tutmés III, fornece-nos informações importantes relativamente à utilização de povoados aliados como auxílio à movimentação do exército egípcio. Após saírem da cidade de Mênfis foram pelos «Caminhos de Hórus» até a cidade de Gaza, onde deverão ter descansado e reabastecido o exército; cf. Lichtheim 2006, 30-31. Ellen Morris refere que entre Tjaru e Gaza havia uma rede de «estações» a um dia de distância de cada um. Escavações arqueológicas confirmaram esta realidade e concluíram que estariam entre quinze a vinte quilómetros de distância; cf. Morris 2005, 384-6.

48 Cardoso 2015, 47.

49 «... The fields were made into plots and assigned to royal inspectors in order to reap their harvest. List of the harvest which his majesty brought from the fields of Megiddo. Sacks of wheat: 207,300, apart from what was cut as forage by his majesty's army. . . .»; cf. Lichtheim 2006, 34.

50 «... (But) the heart of Temehu-land is. Distraught and in suspense, and the Peleset cower in their towns, through the might of thy father Amun who ordained every [land] for thee as a ration! . . .»; cf. Redford 2018, 23.

51 Também na «Estela Poética de Merenptah» podemos encontrar uma referência ao conceito de «viver do que a terra dá»; cf. Lichtheim 2006, 74-75; Heagren 2010, 189-94.

outras breves referências, ambas de origem hitita.<sup>52</sup> Mesmo com poucos exemplos, parece-nos evidente que, caso houvesse essa possibilidade, esta seria aproveitada pelos exércitos egípcios,<sup>53</sup> inclusive, sabe-se que muitas das campanhas egípcias no Levante eram planeadas para tirar partido das colheitas anuais das populações.<sup>54</sup>

Como era organizada a coluna de marcha? O exército que fez o «caminho para Kadech» tinha como núcleo os soldados de infantaria pesada e ligeira (lanceiros e arqueiros/fundibulários).<sup>55</sup> Concretamente, sobre os esquadrões de carros de guerra, sabemos que entre as divisões haveria movimentações desta arma, mas é-nos impossível saber se haveria esquadrões a ladearem estas divisões.<sup>56</sup> Contudo, devemos ter em consideração que a utilização de carros de guerra para estas funções, embora possível, apresenta alguns problemas. Desde logo importa destacar a fragilidade da arma, pois o desgaste inerente ao uso prolongado seria um factor de degradação do objeto composto.<sup>57</sup> Por outro lado, podemos equacionar a existência de unidades específicas (sem funções de combate) apenas com o objectivo de escoltar as divisões de infantaria.<sup>58</sup> Inclusive, na iconografia presente no Ramesseum sobre o acampamento de Ramsés II, podemos observar alguns elementos iconográficos que parecem representar alguns veículos com rodas a serem reparados por funcionários especializados.

Relativamente à posição da carriagem,<sup>59</sup> esta ficaria adjacente à divisão do próprio rei, a divisão de Amon, provavelmente no meio da divisão, posição que, teoricamente, seria mais defensável em caso de ataque. Já para o caso do monarca, é-nos difícil referir com certezas a posição do chefe militar, mas é provável que, pela mesma razão, este fosse junto à carriagem, pois a vanguarda e a retaguarda seriam posições mais frágeis.

---

52 O primeiro exemplo é retirado da correspondência de um rei hitita (datação inconclusiva) a Hulla, Kashshu e Zilapiya; cf. Hoffner 2009, 124. O segundo caso de uma correspondência entre o rei Arnuwanda I e o rei de Atiuna; cf. Hoffner 2009, 140.

53 Fales et Rigo 2014, 423.

54 Lichtheim 2006, 34; Redford 2003, 63-64; Heagren 2010, 189; Martins 2013, 45-48. Para mais informações sobre as campanhas de Tutmés III, veja-se Martins 2013, 73-84; Morris 2018, 132-3. Para um estudo aprofundado sobre o expansionismo e «Imperialismo» egípcio, veja-se Morris 2018, 117-41.

55 Healy 1992, 21.

56 Esta aplicação táctica está muito dependente do próprio terreno, pois era necessário espaço para os carros de guerra se movimentarem.

57 Ferreira 2019, 340; Spalinger 2013, 253-4.

58 Araújo 2006, 65-66.

59 A carriagem é a secção dentro de uma coluna de marcha onde vão todos os bens do exército, desde mantimentos, armamento, sobresselentes e o tesouro.

## O acampamento militar de Ramsés II em Kadech

Uma das fontes egípcias mais ricas iconograficamente sobre a formação e organização de um acampamento militar é o mural referente à batalha de Kadech presente no Ramesseum.<sup>60</sup> A estrutura aparenta ter um formato quadrangular, embora não seja de descartar a possibilidade de uma forma mais aproximada do retângulo, pois a investida hitita feita enquanto o exército egípcio estava no acampamento deverá ter destruído parte da estrutura defensiva. A delimitar o perímetro do acampamento parecem estar escudos<sup>61</sup> de formato retangular e semicirculares no topo. Podemos contar cerca de cinquenta e oito escudos a circundar o acampamento na zona a sul da tenda principal. Naturalmente esta contagem vale apenas para o contexto da iconografia, pois é impossível saber até que ponto esta mesma é fidedigna. A estilização presente nas fontes iconográficas leva a que as representações sejam, acima de tudo, uma manifestação artística da própria realidade. Logo, estão sujeitas à própria subjetividade artística do artífice, sendo esta situação especialmente relevante em referências concretas como o caso do número de escudos da «muralha» do acampamento. A meio desta «muralha» sul observamos ainda um portão entreaberto que aparenta ser feito de madeira. Concretamente sobre a altura da «muralha», admitindo que estes eram escudos regulares utilizados pelos soldados egípcios, esta deveria ser reduzida, pois o escudo teria de ficar fixo no chão, logo com uma parte deste submersa no terreno. Assim, podemos admitir que esta estrutura defensiva pudesse ter cerca de cinquenta a sessenta centímetros de altura, servindo maioritariamente para delimitar o acampamento e não tanto para funções defensivas propriamente ditas.<sup>62</sup> A iconografia em análise não apresenta nenhuma outra características defensivas como fossos ou estacas de madeira à frente da «muralha». Esta ausência não implica necessariamente que não existissem, especialmente quando houvesse tempo e matérias-primas para as construir, logo esta possibilidade terá de ficar

---

60 Segundo Anthony Spalinger, em Abido também existiria uma cena representativa do acampamento de Ramsés II junto à cidade de Kadech; cf. Spalinger 2009, 163.

61 Tarancón Huarte 2015, 18.

62 Embora pudesse ter alguma capacidade de impedir algum avanço de infantaria ou de carros de guerra, pelo menos numa primeira fase.

em aberto. Infelizmente, aquilo que deveria ser a parte norte do acampamento encontra-se altamente danificado no mural, logo não nos é possível referir com certezas, mas é provável que os aspectos que verificamos na zona central e sul da estrutura também existissem a norte. Este tipo de estrutura encontra paralelo noutra representação do acampamento de Ramsés II junto a Kadech. Num mural do «Templo de Lucsor» podemos observar a presença de escudos a formar uma «muralla» (Figura 2).<sup>63</sup>

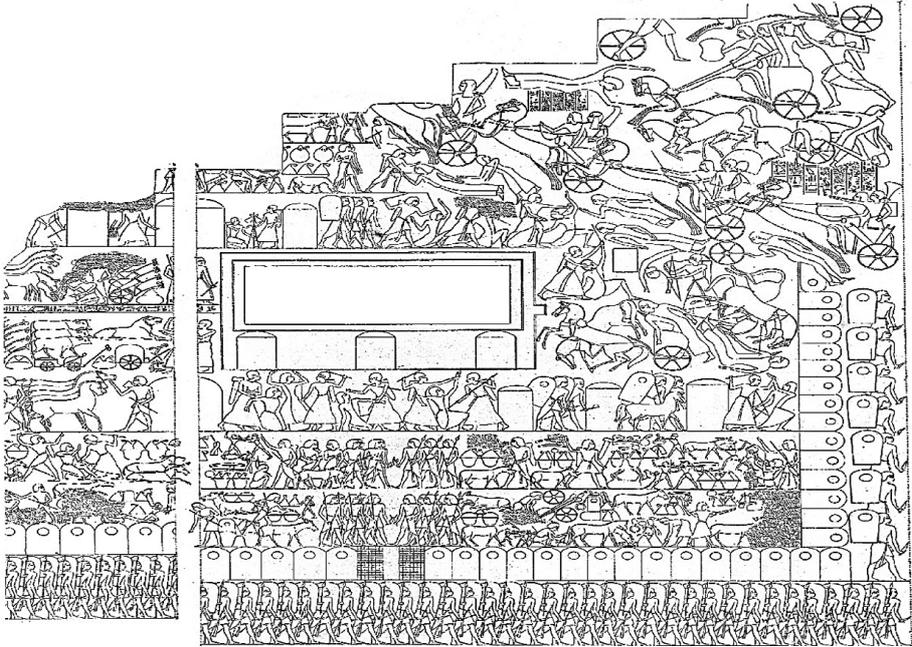
No interior do recinto estaria, no centro, a tenda do líder do exército,<sup>64</sup> que neste caso concreto seria o próprio Ramsés II. Segundo a descrição do conflito, este terá sido surpreendido pelo ataque hitita quando já se encontrava alojado e, com a sua guarda pessoal, os chardanos, acabariam por conseguir aguentar o ataque inimigo.<sup>65</sup> Episódio este para o qual a iconografia parece estar a remeter, pois apesar de o rei não estar representado, verificamos que os soldados egípcios se defendem da investida dos carros de guerra hititas. A tenda de Ramsés II destaca-se de uma forma evidente em relação ao resto do complexo, é inclusive algo desproporcional em relação ao perímetro «amuralhado», levando a crer que a tenda em questão fosse efetivamente menor do que a iconografia parece transparecer. A tenda real parece ter adjacente ainda uma estrutura amuralhada e um pátio. Contudo, para além do formato retangular, é-nos impossível mencionar as suas dimensões, tanto em largura, comprimento, bem como de altura.

---

63 Spalinger 2003, 225.

64 Tarancón Huarte 2015, 19.

65 Abbas 2016, 115-9; Spalinger 2005, 216; Araújo 2006, 70-71. Naturalmente este episódio deve ser alvo de questionamento, pois será um exemplo de propaganda que procura exaltar as façanhas do rei egípcio; cf. Carreira 2006, 187-9.



**Fig. 1.** Mural da batalha de Kadech. Acampamento de Ramsés II durante o ataque hitita (primeiro pilone do Ramesseum). Breasted 1903, pl. I.

Ainda adjacente à tenda principal verificamos o que aparentam ser outras três estruturas de menor dimensão que poderiam ser ocupadas por oficiais de elevada hierarquia militar. No restante perímetro observamos a presença de outras pequenas infraestruturas, nomeadamente sete tendas, mas certamente que haveriam bastantes mais, inclusive sabemos que o ataque hitita foi realizado enquanto o acampamento era construído,<sup>66</sup> sugerindo que o complexo podia não estar finalizado.<sup>67</sup> Quantos soldados teria cada estrutura? Sabemos que o exército egípcio estava organizado em divisões que teriam cerca de 5000 soldados, estes, por sua vez, eram separados em companhias de 500 efectivos<sup>68</sup> que albergavam divisões

66 Spalinger 2005, 212-4; Goedicke 1996, 75-76; Carreira 2006, 184. Esta episódio é relatado no «Boletim» e no «Poema» sobre a batalha de Kadech; cf. Lichtheim 2006, 61-64.

67 Existem algumas fontes iconográficas datadas do período de Amarna que representam os soldados a dormirem na rua, junto a uma fogueira e com mantas; cf. Tarancón Huarte 2015, 19.

68 Shaw 1991, 27.

de 250 militares<sup>69</sup> comandados por um porta-estandarte, estas companhias eram divididas em cinco unidades de 50 soldados cada<sup>70</sup> que seriam comandados por um «chefe dos cinquenta». <sup>71</sup> Com base em quantificações desenvolvidas por Ian Shaw, sabemos que a menor divisão no exército egípcio seriam grupos de 10 soldados por unidade<sup>72</sup> e, ao que tudo indica, seria com base nestes números que as tendas poderiam ser organizadas no acampamento militar. Na batalha de Kadech, tendo em conta que o exército era composto por 20000 soldados (embora estes números sejam o resultado de conclusões historiográficas a partir da existência de quatro divisões), deveriam existir cerca 2000 tendas no acampamento. A título de exemplo, se tivermos em conta a quantificação mais contida em relação aos efetivos egípcios na batalha de Meguido, para os 10000 soldados seriam necessárias 1000 tendas.<sup>73</sup> Importa mencionar que, devido ao elevado número de estruturas para alojamento, seria provável que algumas destas tivessem de ficar fora da «muralha» de escudos. No que concerne o seu transporte, podemos apresentar duas possibilidades: as tendas podiam ser levadas em campanha pelos próprios soldados ou transportadas em carroças<sup>74</sup> inseridas no aparelho logístico do exército egípcio.

---

69 Healy 1993, 37.

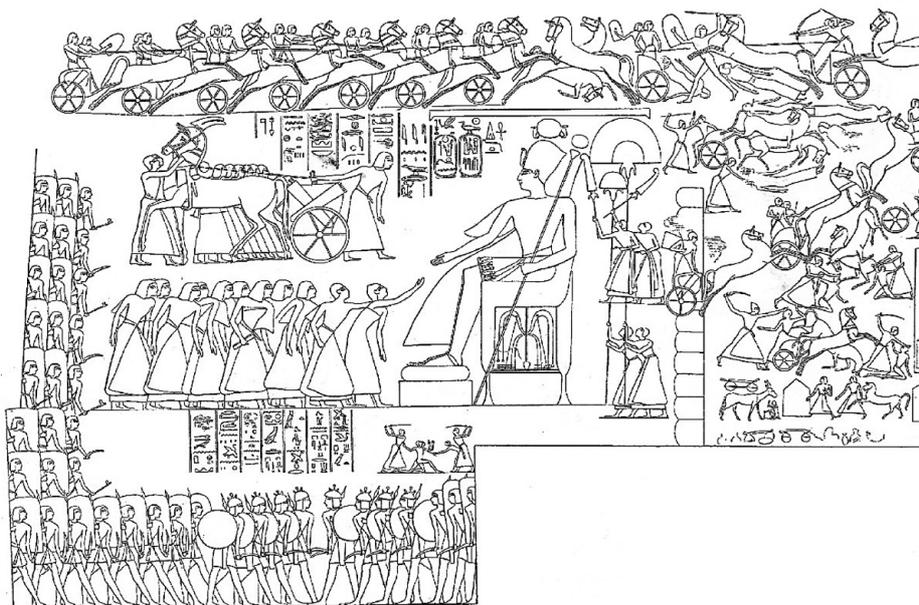
70 Ferreira 2019, 235-6; Fields 2006, 17; Schulman 1963, 85; Sales 2001, 352; McDermott 2004, 119.

71 Araújo 2006, 64.

72 Shaw 1991, 27.

73 Araújo 2008, 100. Esta estimativa é feita com base na assunção que o modelo organizacional se manteve minimamente inalterado ao longo do Império Novo. Ao longo da história do Antigo Egípcio verificamos que a evolução militar é bastante lenta e, normalmente, relutante a possíveis inovações; cf. Ferreira 2016, 249-50; Sales 2001, 87. Veja-se o caso dos carros de guerra que, ao que tudo indica, apenas são incorporados nas forças egípcias durante o reinado de Ahmés, depois da expulsão dos Hicsos, povo heterogêneo que os terá trazido para as Duas Terras; cf. Ferreira 2019, 120-34; Sabbahy 2013, 191; Köpp-Junk 2021, 171-2; Noble 2015, 30; Yadin 1963, 86. Esta aparente relutância no que concerne inovações militares está diretamente relacionada com as próprias características geográficas do Egípcio e com a falta de inimigos externos durante grande parte da história desta civilização; cf. Ferreira 2016, 249-50.

74 Aspeto que, segundo Richard Gabriel, foi introduzido no aparelho logístico militar egípcio durante o reinado de Ramsés II (Gabriel 2002, 7).



**Fig. 2.** Mural da batalha de Kadech. Ramsés II é informado do ataque hitita (Templo de Lucsor). Breasted 1903, pl. IV.

Para lá das questões estruturais, o mural presente no Ramesseum representa outros elementos relevantes no âmbito da organização deste contexto militar. Em primeiro lugar, podemos observar que a guarda da porta principal era composta por dois grupos de oito guardas. À esquerda destes podemos identificar equídeos, provavelmente asnos<sup>75</sup> e na sua proximidade observamos recipientes que, devido à sua fisionomia, parecem ter sido preparados para serem transportados no lombo destes animais, muito possivelmente com mantimentos e munições para o exército. Inclusive, é possível notar alguns funcionários do exército (possivelmente com funções organizativas) a trabalharem em torno destes recipientes. Na sequência iconográfica podemos ainda observar a representação de dois militares frente a frente com armas de combate corpo a corpo, possivelmente maças de armas. A cena aparenta ser algo ambígua, pois entre eles encontramos outro indivíduo de

75 Já desde o Dinástico Inicial utilizados para estas funções; cf. Hamblin 2006, 311.

joelhos, sugerindo que ambos os soldados estão, de alguma forma, a repreender com violência a personagem de joelhos, possivelmente um cativo.<sup>76</sup>

Acima desta cena observamos cinco cavalos<sup>77</sup> a serem tratados por um funcionário<sup>78</sup> com funções e valências específicas para essa função. Verificamos ainda a presença de carros de guerra desatrelados que podem ter chegado ao acampamento desmontados ou servido para pautar o terreno ao longo do caminho até Kadech e agora, devido ao desgaste sofrido, necessitam de ser reparados. Podemos ainda identificar duas carroças certamente tracionadas por bovinos<sup>79</sup> que terão servido para transportar alguns materiais, inclusive os próprios carros de guerra, pois ambos os elementos se encontram no mesmo contexto iconográfico. Estes dois veículos apresentam tipologias diferentes, um deles possui quatro rodas com seis raios e a outra duas rodas com seis raios, adjacente a estas podemos ainda observar a presença de alguns recipientes.

À direita dos soldados que guardam a porta principal estão representados mais equídeos associados a recipientes de transporte<sup>80</sup> e algumas peças sobresselentes dos carros de guerra como rodas e jugos. No mesmo contexto, verificamos ainda alguns funcionários a organizar e tratar de algum tipo de armamento não identificado. Acima deste contexto, verificamos o caos causado pelo repentino ataque hitita, tornando-se impossível identificar quaisquer tipos de características concretas do acampamento.

Podemos considerar este complexo militar um acampamento de longa ou curta duração? As evidências parecem indicar ambos os casos. Em primeiro lugar, segundo a narrativa egípcia, Ramsés II terá sido mal-informado e pensava que o exército hitita ainda estava longe da cidade de Kadech.<sup>81</sup> Sugerindo que,

---

76 Esta cena encontra-se também presente no caso do mural do «Templo de Lucso».

77 O cavalo terá chegado às Duas Terras com as progressivas «invasões» hicsas do século XVII a. C., e embora esta seja uma realidade amplamente aceite pela egiptologia, ela não é alheia a algumas problemáticas; cf. Turner 2015, 86-94; Ferreira 2019, 77-85; Araújo 2016, 188-9; Sales 2001, 190. Susan Turner problematiza em torno da questão relativa à introdução do cavalo no Egípto. Para além de referir a tese tradicional de que foram os Hicsos a trazer o animal para as Duas Terras. A autora apresenta outra possibilidade, nomeadamente sobre a relevância do comércio na possível introdução do cavalo. Com especial destaque para com os intensos contactos entre o Egípto e as cidades levantinas; cf. Turner 2015, 94-98.

78 Entre os vários funcionários, podemos destacar o «mestre dos estábulos» ou o «superintendente dos cavalos»; cf. Sales 2001, 190-1.

79 Spalinger 2005, 130.

80 Embora com menos presença, no exemplo do «Templo de Lucso» podemos identificar equídeos associados a recipientes de transporte.

81 Lichtheim 2006, 60.

esta fixação pudesse ser de cariz mais prolongado, porém, devemos ter em consideração que a narrativa em questão teve um claro objetivo propagandístico.<sup>82</sup> Logo, a descrição dos acontecimentos pode não representar a realidade e, acima de tudo, servir para potenciar a coragem do rei que, numa situação de surpresa conseguiu sobreviver e repelir os atacantes. Em termos estruturais, a iconografia parece sugerir uma fixação de menor duração, pois, para além da infraestrutura central que aparenta ser mais complexa. Tudo aquilo que a envolve aparenta ser de rápida edificação, sendo a «muralha» de escudos um caso evidente. Outro aspecto importante aquando da edificação de um acampamento de curta-duração é a sua própria localização, pois a menor capacidade defensiva da estrutura obriga a que a topografia seja favorável. Se observarmos o caso concreto deste acampamento, verificamos que houve a preocupação de o construir junto ao rio Orontes,<sup>83</sup> sendo este o obstáculo natural necessário para facultar uma maior capacidade defensiva ao acampamento. Tendo em conta estes factores, parece-nos mais plausível considerar que o acampamento representado no mural do primeiro pilone do Ramesseum seria de curta-duração.<sup>84</sup>

## Conclusão

Muito à imagem do sistema administrativo e burocrático egípcio que permitiu a construção de inúmeras obras públicas, o exército egípcio do Império Novo (mais concretamente da XIX Dinastia) apresenta igualmente uma forte e densa organização, essencial para o sucesso das campanhas militares, embora esse êxito seja discutível para o caso da batalha de Kadech.<sup>85</sup> Esta complexa estrutura

---

82 Veja-se o evidente contraste criado no «Poema de Pentaweret» entre Ramsés II e Muwatalli onde este último é caracterizado como um «cobarde» em comparação directa com a «coragem» do rei egípcio; cf. Carreira 2006, 187-9.

83 Lichtheim 2006, 60-61. Hans Goedicke refere ainda que junto ao acampamento estava o Lago Homs, outra barreira natural que facultava potencial defensivo à estrutura (Goedicke 1996, 75). Estes elementos orográficos eram também uma possível fonte de água, em especial para os animais; cf. Spalinger 2005, 212.

84 Goedicke 1996, 75.

85 Tendo em conta o que aconteceu depois da campanha que culminaria em Kadech, podemos admitir que o panorama mais positivo para o Egipto terá sido um empate. Depois desta batalha, o Egipto perdeu o controlo do Amurru (actual Síria e Líbano) em detrimento da expansão hitita; cf. Spalinger 2005, 226-9; Carreira 2006, 200-3. Podemos, inclusive, admitir que Ramsés terá tentado «salvar» a sua imagem ao atribuir ao rei hitita a intenção de assinar a paz; cf. Carreira 2006, 191-2.

reflete-se na capacidade de processar os vários elementos integrantes naquilo que podemos chamar de logística militar na sua dimensão mais lata. Seja a produção de armamento e alimento, o recrutamento e treino e, já durante a campanha, a necessidade de fornecer aos soldados abastecimentos para a sua sobrevivência em terras aliadas e hostis.

A partir das fontes utilizadas podemos concluir que o planeamento logístico era iniciado pouco depois da campanha anterior ter terminado, nomeadamente com o recrutamento e o treino dos futuros militares. Devemos ainda incluir a produção e reparação de armamento para suprimir as necessidades futuras e a requisição de mantimentos que seria feita com o recurso aos celeiros reais. Por outro lado, e apesar de não encontrar correspondência nas fontes, sejam estas iconográficas ou textuais, importa mencionar a razoável possibilidade de aquisição de abastecimento com base na requisição aos comerciantes locais.<sup>86</sup> Para o primeiro caso, a aquisição é direta, ou seja, o poder central recorre aos seus próprios recursos, o segundo caso, admitindo esta possibilidade, implica a troca de bens entre a administração militar e o sistema económico em vigor. Certamente que o poder central teria de fornecer alguns bens em troca daquilo que foi requerido. Devemos ainda equacionar a possibilidade dos próprios soldados levarem consigo alguns abastecimentos para serem utilizados na fase inicial da campanha.

Numa campanha militar é improvável que os mantimentos levados pelo exército desde o início da campanha fossem suficientes até ao final da mesma, portanto, seria essencial para a manutenção dos efectivos a existência de outros pontos de abastecimento. Estas posições representavam várias cidades e fortificações controladas ou aliadas do Egipto que, ao longo do percurso, eram requisitadas para este propósito. No «Poema de Pentaweret», que descreve a campanha que culminaria na batalha de Kadech, pudemos identificar alguns destes mesmos pontos de abastecimento, nomeadamente a fortaleza de Tjaru (parte integrante da rede de estruturas defensivas do «Caminho de Hórus»), Gaza, e a cidade de Ramessemeramun (actual Líbano).<sup>87</sup> Contudo, é provável que houvesse outros locais definidos pelos líderes militares para abastecer o exército.

---

86 Muhs 2016, 118.

87 Lichtheim 2006, 62-71.

Tendo como base o acampamento representado no mural analisado relativo à batalha de Kadech, podemos concluir que esta estrutura militar egípcia seria de dimensões consideráveis, em especial se dentro das «muralhas» tivessem todas as áreas representadas na iconografia. Desde as tendas (do chefe militar e de outros oficiais), às zonas de tratamento de animais, especialmente de cavalos de guerra que, certamente, ocupariam bastante espaço útil. Importa também mencionar os abastecimentos que, devido à sua importância, deveriam estar no recinto amuralhado, pois estariam mais protegidos e seria mais fácil de controlar o consumo e, conseqüentemente, a gestão dos mesmos. Para além das vitualhas, importa referir o armamento, desde espadas, lanças, adagas, arcos, flechas, dardos, e também os carros de guerra armazenados no interior do acampamento. Apesar do recinto amuralhado ser, à partida, de dimensões consideráveis, tendo em conta que para um total de 20000 efetivos seriam necessárias cerca de 2000 tendas, tudo indica que uma grande parte destas estruturas ficaria para lá dos escudos que circundavam o núcleo do acampamento. Logo, aquilo que ficava no interior destas linhas defensivas seriam as tendas do chefe militar e dos oficiais mais importantes e bens materiais relevantes.

## BIBLIOGRAFIA

- Abbas, Mohamed Raafat. 2016. “The Bodyguard of Ramesses II and the Battle of Kadesh”. *Égypte Nilotique et Méditerranéenne*, 9: 113-23.
- Araújo, Luís Manuel de, dir. 2001. *Dicionário do Antigo Egípto*. Lisboa: Editorial Caminho.
- . 2006. “A batalha de Kadesh”. In *A Guerra na Antiguidade*, coord. António Ramos dos Santos et José Varandas, 55-102. Lisboa: Caleidoscópio, Centro de História da Universidade de Lisboa.
- . 2008. “A batalha de Meguido”. In *A Guerra na Antiguidade*, vol II, coord. António Ramos dos Santos et José Varandas, 61-88. Lisboa: Caleidoscópio, Centro de História da Universidade de Lisboa.
- . 2016. “O cavalo no Egito Paraónico: uma avalizadora semiótica do poder”. In *The Horse and the Bull in Prehistory and in History*, coord. Fernando Augusto Coimbra, 188-98. Génova: Cordero Editore.
- Breasted, James Henry. 1903. *The Battle of Kadesh*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Cardoso, Elise. 2015. *A Logística Militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos*. Dissertação de Mestrado em História Militar. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Carreira, Paulo. 2006. “Ramsés II e a batalha de Kadesh”. *Revista Lusófona de Ciência e Religião*, ano V, nº9/10: 181-226.
- Davies, Benedict G. 1997. *Egyptian Historical Inscriptions of the Nineteenth Dynasty*. Jonsered: Paul Åströms förlag.
- Drews, Robert. 1993. *The End of the Bronze Age. Changes in Warfare and the Catastrophe Ca. 1200 BC*. Princeton: Princeton University Press.
- Fales, Frederick M. et Monica Rigo. 2014. “Everyday Life and Food Practices in Assyrian Military Encampments”. In *Paleonutrition and Food Practices in the Ancient Near East. Towards a Multidisciplinary Approach*, eds. G. Gail, M. Geller et A. Millard, 413-37. Leiden: S.A.R.G.O.N.
- Ferreira, Eduardo. 2016. *Fortificar o Nilo. A ocupação militar egípcia da Núbia na XII dinastia (c. 1980-1790 a. C.)*. Lisboa: Chiado Editora.
- . 2019. *Carros de guerra da Antiguidade Pré-Clássica. Tipologias Comparadas (c. 2500-608 a. C.)*. Tese de doutoramento em História Antiga. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Ferreira, Eduardo et José Varandas. 2017. “Recrutamento e treino militar”. *Hapi*, 5: 155-183.
- Ferrill, Arther. 1997. *The Origins of War*. Boulder: Westview Press.
- Fields, Nic. 2007. *Soldiers of the Pharaoh. Middle Kingdom Egypt 2055-1650 BC*. Oxford: Osprey Publishing.
- Gabriel, Richard A. 2002. *The Great Armies of Antiquity*. Westport: Praeger Publishers.
- Gardiner, Alan H. 1911. *Egyptian Hieratic Texts. Transcribed, Translated and annotated. Series I: Literary Texts of the New Kingdom. Part 1. The Papyrus Anastasi I and the Papyrus Koller, together with the parallel texts*. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung.
- Goedicke, Hans. 1996. “Considerations on the battle of Kadesh”. *The Journal of Egyptian Archaeology*. Vol. 52: 71-80.
- Grandet, Pierre. 2004. “La grande bataille de Qadesh!”. *L'Orient Ancien. Les Collections de l'Historie*. 50-54.
- Hamblin, William J. 2006. *Warfare in the Ancient Near East to 1600 BC. Holy Warriors at the Dawn of History*. New York: Routledge.

- Hartwig, Melinda. 2004. "Tomb painting and identity in Ancient Thebes, 1419-1372 BCE". In *Monumenta Egyptiaca*, X. Turnhout: Brepols.
- Heagren, Brett H. 2010. *The Art of War in Pharaonic Egypt. An Analysis of the Tactical, Logistic, and Operational Capabilities of the Egyptian Army (Dynasties XVII-XX)*. Tese de doutoramento em História Antiga. Auckland: The University of Auckland.
- Healy, Mark. 1992. *New Kingdom Egypt*. Oxford: Osprey Publishing.
- . 1993. *The Warrior Pharaoh. Rameses II and the Battle of Qadesh*. Oxford: Osprey Publishing.
- Hoffner Jr., Harry A. 2009. *Letters from the Hittite Kingdom*. Atlanta: Society of Biblical Literature.
- Köpp-Junk, Heidi. 2021. "Wheeled Vehicles and Their Development in Ancient Egypt – Technical Innovations and Their (Non-) Acceptance in Pharaonic Times". In *Berlin Studies of the Ancient World 73*, eds. Florian Klimscha, Svend Hansen et Jürgen Renn, 159-81. Berlin: Edition Topoi.
- Kruchten, J. M. 1981. *Le Décret d'Horemheb. Traduction, commentaire épigraphique, philologique et institutionnel*. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles.
- Leblanc, Christian. 2005. "Research, Development and Management of Heritage on the Left Bank of the Nile: Ramesseum and its environs". *Museum International*, 57, 1-2: 79-86.
- Leblanc, Christian et Hisham Elleithy. 2015-2016. *Mission Archéologique Franco-Égyptienne de Thèbes-Ouest. Rapport des Activités Scientifiques. Octobre 2015-Janvier 2016*. Paris: MAFTO.
- Leblanc, Christian, Abdel Hamid Ma'arouf et Magdi El-Ghandour. 2011-2012. *Mission Archéologique Franco-Égyptienne de Thèbes-Ouest. Rapport des Activités Scientifiques. Octobre 2011-Janvier 2012*. Paris: MAFTO.
- Lichtheim, Miriam. 2006. *Ancient Egyptian Literature Vol. II*. Berkeley: University of California Press.
- Malamat, Abraham. 2001. *History of Biblical Israel. Major Problems and Minor Issues*. Leiden: Brill.
- Martínez Babón, Javier. 2003. *Historia Militar de Egipto durante la Dinastía XVIII*. Barcelona: Museu Egípc de Barcelona.
- Martins, Daniela. 2013. "Até aos Pilares do Cén". *Estratégias de domínio político-administrativo na Síria-Palestina no reinado de Tutmés III*. Dissertação de Mestrado em História Antiga. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- McDermott, Bridget. 2004. *Warfare in Ancient Egypt*. Gloucestershire: Sutton Publishing.
- Moreno García, Juan Carlos. 2010. "War in Old Kingdom Egypt (2686-2125 BCE)". In *Studies on War in Ancient Near East. Collected Essays on Military History*, ed. J. Vidal, 5-41. Münster: Ugarit Verlag.
- Morkot, Robert G. 2010. *The A to Z of Ancient Egyptian Warfare*. Toronto: The Scarecrow Press.
- Morris, Ellen. 2005. *The Architecture of Imperialism. Military Bases and the Evolution of Foreign Policy in Egypt's New Kingdom*. Leiden: Brill.
- . 2018. *Ancient Egyptian Imperialism*. Hoboken: Wiley Blackwell.
- Muhs, Brian. 2016. *The Ancient Egyptian Economy. 3000-30 BCE*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Noble, Duncan. 2015. *Dawn of the Horse Warriors. Chariot and Cavalry Warfare 3000-600 BC*. Yorkshire: Pen and Sword Books.
- Piggott, Stuart. 1992. *Wagon, Chariot and carriage. Symbol and Status in the History of Transport*. London: Thames and Hudson.

- Porter, Bertha et Rosalind Moss. 1972. *Topographical Bibliography of Ancient Egypt Hieroglyphic Texts, Reliefs, and Paintings: II. Theban Temples*. Oxford: The Clarendon Press.
- Redford, Donald B. 2003. *The Wars on Syria and Palestine of Thutmose III*. Leiden: Brill.
- . 2018. *The Medinet Habu Records of the Foreign Wars of Ramesses III*. Leiden: Brill.
- Sabbahy, Lisa. 2013. “Depictional Study of Chariot use in New Kingdom Egypt”. In *Chasing Chariots. Proceedings of the First International Chariot Conference (Cairo 2012)*, eds. André J. Veldmeijer et Salima Ikram, 191-215. Leiden: Sidestone Press.
- Sales, José das Candeias. 2001. “Cavalo”. In *Dicionário do Antigo Egípto*, dir. Luís Manuel de Araújo, 190-1. Lisboa: Editorial Caminho.
- . 2001. “Exército”. In *Dicionário do Antigo Egípto*, dir. Luís Manuel de Araújo, 351-4. Lisboa: Editorial Caminho.
- Schulman, Alan R. 1963. “The Egyptian Chariotry: a Reexamination”. *Journal of the American Research Center in Egypt*, 2: 75-98.
- Seguro, Maria João. 2001. “Amenemhat”. In *Dicionário do Antigo Egípto*, dir. Luís Manuel de Araújo, 190-1. Lisboa: Editorial Caminho.
- Selim, Hassan. 2005. “Two Unpublished Eighteenth Dynasty Stelae from the Reign of Thutmoses III at Cairo Museum TN. 20.3.25.3 and TN. 21.3.25.14”. In *Studies in Honor of Ali Radwan* vol. II, 329-40. Cairo: Supplément aux Annales du Service des Antiquités de l’Égypte.
- Shaw, Ian. 1991. *Egyptian Warfare and Weapons*. Buckinghamshire: Shire Publications.
- Simmance, Eleanor Beth. 2014. *Amenhotep Son of Hapu: Self-Presentation through Statues and their Texts in Pursuit of Semi-Divine Intermediary Status*. Dissertação de Mestrado em Egiptologia. Birmingham: University of Birmingham.
- Spalinger, Anthony. 2003. “Epigraphs in the battle of Kadesh Reliefs”. In *Eretz-Israel: Archaeology, Historical and Geographical Studies*, eds. Hayim Tadmor e Miriam Tadmor, 222-39. Jerusalém: Israel Exploration Society.
- . 2005. *War in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell Publishing.
- . 2009. “The Battle of Kadesh: The Chariot Frieze at Abydos”. *Ägypten und Levante*, 1: 163-99.
- . 2010. “Military Institutions and Warfare: Pharaonic”. In *A Companion to Ancient Egypt*, ed. Alan B. Lloyd, 425-45. Oxford: Blackwell Publishing.
- Spalinger, Anthony. 2013. “Egyptian Chariots: Departing for War”. In *Chasing Chariots. Proceedings of the First International Chariot Conference (Cairo 2012)*, eds. André J. Veldmeijer et Salima Ikram, 237-56. Leiden: Sidestone Press.
- Taracón Huarte, Nerea. 2013. “Antes de la batalla: Los preparativos para la guerra en el Egipto Faraónico”. *Antesteria*, 2: 39-50.
- . 2015. “Los campamentos militares em Egipto y Próximo Oriente: Una aproximación iconográfica”. *Antesteria*, 4: 15-28.
- Turner, Susan. 2015. *The Horse in New Kingdom Egypt. Its introduction, nature, role and impact*. Tese de doutoramento. Sydney: Macquarie University.
- Yadin, Yigael. 1963. *The Art of Warfare in Biblical Lands in the Light of Archaeological Discovery*. London: Weidenfeld and Nicolson.



**CADMO**  
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA  
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief  
Nuno Simões Rodrigues

## OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

*Cadmo – Journal for Ancient History* yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH  
-UL

CENTRO DE  
HISTÓRIA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA